

A DESCOLONIZAÇÃO PERCEBIDA A PARTIR DO FEMININO NOS ANOS 50 E 60 DO SÉCULO XX: A REALIDADE PORTUGUESA E AS CONGREGAÇÕES FEMININAS ENQUANTO INSTÂNCIA DE ANÁLISE

ANTÓNIO MATOS FERREIRA (UCP-CEHR)

MARIA ISABEL SANTOS (UCP-CEHR)

RESUMO

Houve nas décadas 50 e 60 um incremento da presença das congregações femininas nas colónias portuguesas, mas também de outras formas, considerado à época, de «trabalho feminino»: professorado primário, enfermagem e assistência social.

Todavia se «a educação das mulheres e das meninas», a formação no trabalho associado à maternidade, o aprender de procedimentos domésticos e a instrução de modos para cuidar do homem (o marido e os filhos - ser mãe) constituíam a justificação dessa presença dessas congregações femininas. Estes institutos foram marcantes de uma determinada metodologia missionária, fazendo emergir um distanciamento progressivo da mulher das matrizes tradicionais, de mutação dessas populações ultramarinas, acompanhado por uma educação religiosa que pretendia introduzir «novos valores».

Não só as instituições femininas religiosas foram marcadas pela perspetiva de uma ação associada à «portugalização» das populações africanas autóctones, outras formas de organização socioprofissional feminina se desenvolveram em contexto colonial. Existindo iniciativas também das «mulheres brancas» nesses territórios, contudo, correntemente, a modalidade relacional situava-se nas conexos patroa-criada. As missões estabeleceram outros horizontes, com níveis de diferenciação, não só saber como cozinhar ou costurar, mas atividades de puericultura, de enfermagem, de escolarização. Estas facetas, mesmo com todas ambiguidades e sofrimentos do colonialismo, forneceram instrumentos de modelação e de mutação da condição feminina africana, mesmo se persistindo a dependência e a subordinação ao homem (marido, filhos, patrão ou padre). Não foram irrelevantes a formação em professorado, em enfermagem e em assistência sociais que também se implementavam nessa época e que acrescentaram novos horizontes à vida consagrada. Similar a este percurso, ainda que com características específicas, importa sublinhar o papel desempenhado pelas esposas dos pastores de outras

confissões cristãs. Estas presenças e este processo suscitaram também novas sensibilidades em relação ao trabalho da mulher e permitiram estabelecer outras formas de protagonismo».

António Matos Ferreira nasceu em Lisboa em 1952. Diplôme d'Études Approfondies (D.E.A.) em História Moderna e Contemporânea pela Universidade Sorbonne-Paris IV (Paris) e doutorado em História Contemporânea pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Investigador do Centro de Estudos de História Religiosa (UCP-CEHR). Foi professor na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e leciona na Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa. É autor de diversos artigos e comunicações científicas na área da História Religiosa e do Cristianismo moderno e contemporâneo, com destaque para as problemáticas do movimento católico, da secularização e da laicidade. Tem colaborado em várias obras coletivas, como: *Histoire du Christianisme des origines à nos jours*. (Coord. de J M. Mayeur; Ch. E L. Pietri; A.Vauchez; M. Venard. Paris: Desclée, 1990-1995); *História de Portugal: dos tempos pré históricos aos nossos dias*. (Dir. João Medina. Amadora: Ediclube, 1993); *História da Expansão Portuguesa*. (Coord. de Francisco Bethencourt; Kirti Chaudhuri. Lisboa: Círculo de Leitores, 1998-1999); *Dicionário de História de Portugal. Suplemento*. (Coord. de António Barreto; Maria Filomena Mónica (Porto: Editorial Figueirinhas, 1999-2000); *Dicionário da História de Portugal e História Religiosa de Portugal*. (Dir. de Carlos Moreira Azevedo. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000-2002); coordenou a obra *Religião, Sociedade, Estado: 100 anos de Separação*, publicada em dois volumes em 2021 e disponível em acesso aberto. É coordenador do projeto de investigação "25 de Abril: permanências, ruturas e recomposições", em curso no UCP-CEHR.

Maria Isabel Santos é doutorada em Serviço Social pela Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa (2022), com uma tese intitulada "Marie-Thérèse Cécile Lévêque e o Instituto de Serviço Social (1935-1946): História e Memória". Naquela Faculdade obteve, igualmente, o Mestrado (2009) e a Licenciatura (2005) em Serviço Social. É investigadora no Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa (UCP-CEHR) desde 2008, onde é atualmente responsável pelo projeto de organização e descrição do fundo documental Maria Leonor Corrêa Botelho (1915-96), e membro da equipa editorial da "Enciclopédia de História Religiosa em Portugal" (online). Foi docente na Licenciatura em Serviço Social da Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa, entre 2006 e 2016, e da Universidade da Madeira, no ano letivo 2007/08. É autora de "O Discurso Histórico sobre o Serviço Social em Portugal" (UCE, 2009), e coautora de "Imigrantes Sem-Abrigo em Portugal" (ACIDI, 2013). Pertenceu ao Conselho Consultivo do "Anuário do Centro de Estudos de História do Atlântico", na Região Autónoma da Madeira (2009-15), onde também exerceu funções de assistente social / diretora de sustentabilidade e responsabilidade social, no Grupo Sousa (2016-19). Tem participado em conferências, em Portugal e no estrangeiro, com preleções sobre os seus principais temas de investigação: história, identidade e construção do campo profissional do serviço social; e história da pobreza e da assistência. É membro do Groupe de Recherche sur l'Histoire du Service Social (GREHSS), com sede em Paris, e da European Social Work Research Association (ESWRA), onde integra o grupo "Social Work, History and Research". Membro da Associação dos Profissionais de Serviço Social (APSS).